



Acidente que matou o policial federal André Jerônimo Barros, em 2009, é um dos casos já relatados em que o assassino foi condenado

ILESOS. Na maioria dos crimes relatados, culpados não foram punidos

HISTÓRIAS COMEÇAM A SER CONTADAS

Família e amigos de vítimas da violência podem acessar blog e escrever sobre casos

FÁTIMA ALMEIDA
REPORTER

O blog do movimento – ufalemdefesadavida.blogspot.com – já tem registradas algumas histórias de vida de pessoas que morreram vítimas da violência, e que estão sendo contadas a partir de um questionário que amigos ou familiares da vítima preenchem, com informações básicas – nome, idade, ano da morte, se era casado ou solteiro, se tinha filhos –, até o relato sobre as coisas que gostava de fazer, como era sua convivência social e familiar, foto e informações sobre a circunstância da morte, ou se o assassino foi condenado.

“Poderíamos realizar pesquisas, buscar os dados nos registros das delegacias e da Justiça, mas não é isso o que queremos. A ideia é exatamente sair das estatísticas e mostrar que, por traz daquele número frio, havia uma pessoa que era importante para alguém; revelar a dor e a saudade que sua morte causou. Nossa intenção é, ao resgatar essas histórias

de vida, dar visibilidade ao que as estatísticas não revelam”, diz Ruth Vasconcelos.

Cerca de 23 histórias contadas por parentes ou amigos de pessoas assassinadas ou vítimas de violência no trânsito já constam no blog. Dessas histórias, onze eram de jovens que ainda nem tinham completado 30 anos de idade quando morreram. Alguns com filhos, outros sem filhos, mas todos com sonhos que foram interrompidos por uma arma de fogo ou por arma branca.

Desses 23 relatos, apenas em dois consta que o assassino foi condenado – entre eles um caso de acidente de trânsito ocorrido em 2009, do qual foi vítima o policial federal André Jerônimo Costa Barros, aos 48 anos de idade.

Nos demais, consta que não se sabe ou que não houve condenação. Alguns muitos antigos, como o caso do vigilante Willibaldo Rodrigues Brandão, casado, com filhos pequenos à época, assassinado em 1983, aos 33 anos de

RUTH VASCONCELOS
PROFESSORA

“Poderíamos realizar pesquisas, buscar dados nos registros da Justiça, mas não é isso o que queremos. A ideia é mostrar que, por traz daquele número frio, havia uma pessoa que era importante para alguém”

idade – crime que, segundo o relato, ficou impune –, e o de um jovem identificado como Elemeque, cujo relato retrata a transformação de um adolescente cheio de muitos amigos que, de repente, começou a se envolver com drogas, até ser assassinado aos 16 anos de idade, em 1984. Segundo o relato, o irmão de Elemeque também já havia sido morto por bandidos.

Tem também histórias recentes, de jovens como o estudante Bruno Maceina, morto este ano, aos 21 anos de idade, descrito por um amigo como “pessoa carismática, campeão de natação, que gostava de estar entre amigos e familiares, sempre risonho e feliz com a vida”; do garçon Deives Felipe Ferreira, 18 anos, também descrito como “desportista, ganhador de prêmios em hip hop, apaixonado por música”, morto dentro de uma escola, em União dos Palmares, em 2007; e Tiago Terra Nery, 16 anos, citado como “um jovem solidário, com senso de justiça, leal e que gostava de viver a vida intensamente”, assassinado junto com um amigo, em fevereiro último, no Benedito Bentes.

ATOS PÚBLICOS CHAMAM A ATENÇÃO PARA OS ÍNDICES ALARMANTES

Protesto

Este ano, movimento simbolizará cada vida perdida com o plantio de árvores nos campi de Maceió, Arapiraca e Delmiro, nos dias 13, 14 e 15 de junho

Contar a história dos mortos e simbolizar cada vida perdida com uma árvore plantada não é o primeiro ato expressivo do Programa Ufal em Defesa da Vida. Desde que foi criado, em 2009, o movimento vem se superando com atos cada vez mais impactantes, que levam à reflexão da sociedade.

O primeiro, realizado em abril de 2009, chamou a atenção para um grande varal, onde foram estendidas 2.064 camisas representando simbolicamente as vidas que a violência ceifou em Alagoas, no ano de 2008. No segundo ato, em maio de 2009, foi inaugurado um placar com os números de homicídios ocorridos mês a mês no Estado, até hoje abastecido com dados da Secre-

taria de Defesa Social. Nesse mesmo ato foram acendidas centenas de velas simbolizando as vítimas fatais da violência.

Em outros atos políticos, o movimento simbolizou as vítimas da violência com mais de mil cruzeiros fixados num pano branco, no hall do auditório da Ufal e, num outro momento, com a exposição de dois mil pares de calçados, que deram visibilidade aos índices alarmantes de homicídios no Estado e ao alto índice de violência contra jovens, negros e pobres.

Também já foram realizados importantes fóruns de debate, entre eles uma conferência livre de segurança pública – preparatória para a 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública – e o seminário

“Mídia e Violência: efeitos no tecido social”, promovendo a discussão sobre até que ponto a mídia – por meio do jornalismo, dos jogos eletrônicos, da internet – pode contribuir para o aumento da violência no ambiente social e até que ponto ela pode contribuir para a construção de uma cultura de paz.

Isso sem esquecer temas como Ditadura Militar e Anistia no Brasil, num ato construído com a participação das entidades estudantis e com a presença e depoimentos de testemunhas vivas desse período – pessoas que sobreviveram às prisões e torturas da época da ditadura, e que viveram o exílio durante o período do Regime Militar; violência contra a mulher; contra os negros; contra os moradores de rua; e sobre corrupção eleitoral, aprofundando a reflexão sobre como a corrupção e a violência podem ser correlatas e gerar obstáculos ao processo de democratização, sobretudo quando a violência é usada para a manutenção do poder político. FA